



MARCELINO MESQUITA

---

TEATRO COMPLETO

---

III



---

MMVIII

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

*Título:* Teatro Completo  
Vol. III

*Autor:* Marcelino Mesquita

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Revisão do texto:* Levi Condinho

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Junho de 2008

*ISBN:* 978-972-27-1685-7

*Depósito legal:* 250 133/06

# *PETRÓNIO*

Peça livremente extraída do romance *Quo Vadis*  
de Henryk Sienkiewicz

Representada, pela primeira vez, no Teatro de D. Amélia, em 8 de Março de 1901.

# PETRÓNIO

## *PERSONAGENS E FIGURANTES*

PETRÓNIO, poeta satírico  
NERO, imperador romano  
PAULO DE TARSO, apóstolo cristão  
MARCOS VINÍCIO, cônsul, sobrinho de Petrónio  
CHÍLON, filósofo charlatão  
TIGELINO, chefe dos pretorianos, rival de Petrónio  
SENÉCION, patrício romano  
VITÉLIO, *idem*  
LUCANO, poeta  
VATINO, intendente das festas  
DOMÍCIO  
MUSÓNIO, filósofo e poeta  
URSUS, escravo lígio  
PITÁGORAS, efebo, favorito de Nero  
NERVA, patrício de Cumas  
LÚCIO, *idem*  
SÉNECA, filósofo  
TEIRÉSIAS, liberto de Petrónio  
Um ESCRAVO de Petrónio  
1.º RABINO  
2.º RABINO  
GÚLON, liberto de Vinício  
Outro ESCRAVO  
TÍMON, gladiador  
CRÓTON, *idem*  
1.º SENADOR  
2.º SENADOR  
POPEIA, concubina de Nero  
EUNICE, escrava de Petrónio  
ACTEIA, ex-amante de Nero  
LÍGIA, donzela cristã  
CÁLVIA, dama romana  
NIGÍDIA, *idem*  
CRISPINILA, *idem*  
FLÁVIA, *idem*

POMPÓNIA, *idem*  
LUCRÉCIA, *idem*  
JÚLIA, dama cumense  
OCTÁVIA, *idem*

Senadores, palacianos, efebos, pretorianos, escravos, augustanos, povo romano,  
gladiadores, damas da corte, escravas, etc., etc.



## ACTO I

### QUADRO I

*Casa de Petrónio em Roma. A um lado, a estátua de Petrónio, em mármore. Sobre uma mesa, frascos vários de águas, de óleos; escovas, pentes, ferros de frisar. Duas escravas etíopes e duas brancas o rodeiam. As negras acabaram de o pentear.*

ESCRAVA BRANCA — Que manto?

*(As escravas negras saem.)*

PETRÓNIO — O azul.

*(A escrava sai e traz.)*

EUNICE *(que, de joelhos, compõe a túnica)* — Belo... como um Deus!

PETRÓNIO *(sorrindo, delicado)* — «Animal impudens», de Séneca.

INTRODUTOR — O cônsul Marcos Vinício.

PETRÓNIO — Oh!

MARCOS *(grave)* — Salve, Petrónio!

PETRÓNIO — Salve. Sê bem-vindo em Roma. Que o repouso te seja grato depois da guerra.

MARCOS — Que os Deuses te sejam propícios, sobretudo Asclépias e Cípris.

PETRÓNIO — Que o tal Asclépias me perdoe; não tenho fé nele. Um Deus cuja mãe se ignora! Sabe-se lá se é filho de

Arsínoe ou de Corónida? Que fará do pai! Quem, por estes tempos que correm, pode ter a certeza de ser filho... do pai? (*Marcos ri contrafeito.*) Estás preocupado?

MARCOS — ... Não.

PETRÓNIO — Dos Asclepiades já tive de me servir, o ano passado... para a bexiga. Sabia que eram charlatães; mas o mundo repousa sobre o charlatanismo e a vida mesmo não é senão uma ilusão! O que é preciso é saber distinguir as boas ilusões das más. Eu mando aquecer a minha estufa com madeira de cedro, pulverizada com âmbar, porque prefiro os perfumes aos maus cheiros. Quanto a Cípris, a quem me recomendaste, devo-lhe o ter coxeado, amorosamente, dois meses; mas, enfim, é uma boa deusa a quem espero sacrificarás, em breve, as brancas pombas.

MARCOS — Talvez. Se as flechas dos Partas me não alcançaram, em compensação, fui tocado pelas do Amor, duma maneira imprevista.

PETRÓNIO — Sim?

MARCOS — A dois passos das portas de Roma.

PETRÓNIO — Pelas Graças! Conta-me isso.

MARCOS — Tanto mais que preciso do teu conselho...

PETRÓNIO — É escusado perguntar se o teu amor é correspondido! (*Olhando-o.*) Se Lísias te tem conhecido, ornavas, hoje, a porta do Palatino sob a forma dum Hércules juvenil. (*Eunice oferece-lhe e põe-lhe o manto.*)

MARCOS (*olhando a escrava*) — Por Zeus, que bela escolha! Mais belo corpo não se encontrará nem em casa do Barbas de Bronze, desse famoso Nero, teu amigo.

PETRÓNIO — Tu és meu parente... e eu não sou egoísta; nem tão austero, como um Aulo Pláucio...! Se queres?...

MARCOS — Como te veio à ideia Aulo Pláucio? É dele que te venho falar.

PETRÓNIO — Estarás tu por acaso enamorado de Pompónia, sua mulher? Diabo! Velha... virtuosa... Lamento-te.

MARCOS — Não é de Pompónia. Oh! Não!

PETRÓNIO — De quem?...

MARCOS — Nem sei. Nem sei mesmo o seu nome. Lígia? Calina? Chamam-lhe Lígia porque é do país dos Lígios; mas o seu nome bárbaro é Calina. Estive doente em casa desse Pláucio, por um acidente de viagem...

PETRÓNIO — Qual?

MARCOS — Desloquei um pé, numa queda do cavalo... É uma casa estranha: cheia de gente e silenciosa como um bosque sagrado. Durante quinze dias, ignorei que uma deusa a habitasse. Vi-a, uma manhã, a banhar-se num tanque, sob as árvores. E... juro-te pela espuma donde nasceu Afrodite... os raios da Aurora brincavam através do seu corpo! Julguei-a uma aparição, uma sombra que os raios do sol nascente dissipassem, como um crepúsculo! Desde então, não tive mais tranquilidade; não tive mais descanso; não tive outro desejo; não vejo outra mulher! Tudo me merece desprezo; o ouro, os bronzes de Corinto... Aborreço os vinhos, os festins; só vejo, só quero Lígia! O mundo para mim é ela... e só ela!

PETRÓNIO — É uma escrava de Pláucio? Compra-lha.

MARCOS — Não é uma escrava.

PETRÓNIO — Uma liberta, então?

MARCOS — Se nunca foi escrava, como pode ser liberta?

PETRÓNIO — Quem é, pois?

MARCOS — A filha dum rei.

PETRÓNIO — Hem? Começas a intrigar-me...

MARCOS — É filha de Vânio, rei dos Suevos.

PETRÓNIO — O que teve guerras, no tempo de Cláudio?...

MARCOS — Com os sobrinhos; que levantaram contra ele os Lígios, terríveis na rapina. Cláudio, temendo pelas fronteiras, mandou Hister, legionário do Danúbio, que vigiasse para que a paz não fosse alterada. Hister exigiu aos Lígios a promessa de não invadirem a fronteira, e, como refém, recebeu a filha e a mulher do chefe.

PETRÓNIO — Donde sabes, tu, isso?

MARCOS — Contou-mo Pláucio, ele próprio. Na guerra o rei dos Lígios morreu. Hister ficou com a mãe e a filha. A mãe morreu pouco depois, e Hister, para se desembaraçar da criança, mandou-a a Pompónio, governador da Germânia e vencedor dos Gates. Quando Pompónio entrou em Roma, em triunfador, a pequena Lígia seguia o seu carro; mas como era um refém e não uma escrava, Pompónio entregou-a a sua irmã, mulher de Aulo. Nesta casa onde tudo respira virtude, cresceu, tão virtuosa e tão pura, que, ao pé dela, Popeia, que passa pela mulher mais bela de Roma, é como um figo do Outono, ao pé dum pomo das Hespérides!

PETRÓNIO — E então?

MARCOS — Repito-te, desde que vi a luz brincar através do seu corpo...

PETRÓNIO — Ela é então transparente como uma lampreia...!

MARCOS — Não gracejes, Petrónio.

PETRÓNIO — Pois bem, diz-me o que queres, claramente.

MARCOS — Quero Lígia! Quero que os meus braços a apertem; que a minha boca respire na sua boca! Se fosse uma escrava daria por ela cem virgens! Quero-a, eis tudo! Tê-la, guardá-la, até que a minha cabeça branqueje como a crista do Sorate, no Inverno!

PETRÓNIO — ... Se não é uma escrava, é, em todo o caso, uma rapariga abandonada. Pláucio pode ceder-ta, se quiser.

MARCOS — Não conheces Pláucio nem Pompónia sua mulher? De resto, amam-na como filha!

PETRÓNIO — Pompónia? Conheço: é um cipreste! Tem o ar de quem vive num cemitério. Mas é, diga-se, mulher dum homem só; o que faz que entre as nossas romanas, quatro e cinco vezes divorciadas, seja uma fénix!

MARCOS — Mas... Petrónio...

PETRÓNIO — Que queres que te diga, meu caro Marcos? Conheço muito bem Aulo Pláucio, como ele conhece o meu modo

de pensar e o meu modo de viver. Se pensas que poderei obter alguma coisa dele, francamente, parece-me que te enganas.

MARCOS — O teu espírito é inesgotável em expedientes...

PETRÓNIO — Exageras.

MARCOS — Todo o mundo te conhece.

PETRÓNIO — Como o rei da elegância? Sim. É o meu reino. Se fosse o da Lígia eu não teria senão prazer em te oferecer a minha filha, belo e amoroso cônsul.

MARCOS — Não falarás a Pláucio?

PETRÓNIO — ... Não. É inútil. Mas... falarei a César.

MARCOS — Melhor ainda...

PETRÓNIO — Se Lígia é um refém, César pode dispor dela, pode oferecer-ta.

MARCOS — Falar-lhe-ás, então?

PETRÓNIO — Sim.

MARCOS — Hoje mesmo?

PETRÓNIO — Hoje... talvez. É preciso esperar ocasião de o poder louvar, pelo canto, ou pelos versos, ou pela aptidão de cocheiro, de actor... A propósito, fazes versos?

MARCOS — Nunca pude arranjar um hexâmetro.

PETRÓNIO — Não tocas cítara, nem alaúde?

MARCOS — Não.

PETRÓNIO — Não guias um carro?

MARCOS — Tomei, uma vez, parte numas corridas em Antioquia; mas fui infeliz.

PETRÓNIO — Bem. Estou descansado a teu respeito. O melhor é não fazer nenhuma dessas coisas e admirá-las muito nos outros... sobretudo em César. És belo e Popeia pode agradar-se de ti. É um perigo. Nero não to suportaria. É verdade que Popeia está uma mulher experiente: de amor os dois primeiros maridos saciaram-na; Nero é para outra coisa.

MARCOS — Que é feito de Otão?

PETRÓNIO — O terceiro? O pobre homem ama-a ainda loucamente. Anda a chorá-la sobre os rochedos da Espanha. E dizem que de tal modo perdeu os hábitos da galanteria, que, hoje, com o penteado, só gasta três horas por dia!

MARCOS — Eu, no caso dele, fazia outra coisa.

PETRÓNIO — O quê?

MARCOS — São valentes e duros soldados os da Ibéria! Recrutaria umas legiões fiéis...

PETRÓNIO — Marcos, Marcos! Essas coisas fazem-se, mas não se dizem, nem como hipóteses... Eu, no lugar dele, rir-me-ia de Popeia e de Nero: arranjava uma legião, mas não era de homens, era de mulheres!... (*Eunice entra com um frasco.*) Ah!, a verbena. (*Deita nas mãos e esfrega as fontes.*) Não imaginas como isto vivifica, dá força!

MARCOS — Mas... Lígia...

PETRÓNIO — Sim, homem, descansa.

MARCOS — Não posso, Petrónio. Se eu não consigo comer nem dormir! Vou passear um pouco pela cidade, mover-me, andar, distrair-me...

PETRÓNIO (*reparando*) — É verdade, tu não fizeste a barba, hoje!

MARCOS — Nem ontem!

PETRÓNIO (*toma-lhe o pulso*) — Tens febre. Escuta. Eu não sei o que te prescreveria um médico, um desses asclepiades; mas sei o que eu faria no teu lugar. Sim... eu sei o que é o amor, e que, quando se deseja uma mulher, nenhuma outra a pode substituir! A beleza, porém, encanta sempre; e uma bela escrava...

MARCOS — Não, não quero.

PETRÓNIO — A novidade faz esquecer... por um novo desejo... (*Pondo a mão no ombro de Eunice, que lhe oferece, de novo a verbena.*) Repara um pouco nesta filha de Cós. Há dias, o jo-

vem Fonteio oferecia-me por ela três admiráveis efebos: três maravilhas dignas do pincel de Scopas! (*Olhando-a com interesse.*) É curioso; como não dei há mais tempo pelos seus encantos? No entanto, dou-ta, leva-a.

MARCOS (*apertando a cabeça*) — Não, não a quero: não quero ninguém! Obrigado. Vais daqui ao Palatino, ao palácio de César?

PETRÓNIO — Vou.

MARCOS — Bem... Voltarei mais tarde. Vou à outra margem do Tibre...

PETRÓNIO — Não. Vais almoçar comigo. Eunice?

EUNICE — Meu senhor.

PETRÓNIO — Tomarás o teu banho: ungirás o teu corpo com os melhores perfumes, e irás para casa da Marcos Vinício.

EUNICE (*ajoelhando-se*) — Ó, meu senhor, não! Não me façais sair da vossa casa! Prefiro ser aqui a última das vossas escravas! Ser açoitada todos os dias, contanto que me não deis a ninguém! Não posso, tende piedade de mim! Não posso! Não posso!

PETRÓNIO (*surpreendido*) — Hem?

EUNICE — Repito-vo-lo, senhor. Não irei para casa de Marcos Vinício. Não sairei de vossa casa. Tende piedade! Sede bom, como sois!

PETRÓNIO — Vai chamar Teirésias.

(*Eunice sai.*)

MARCOS — Petrónio, eu não a quero. Nem a ela nem a nenhuma. Deixa...

PETRÓNIO (*brandamente*) — Uma escrava!

MARCOS (*vendo entrar Eunice e Teirésias senta-se a ler*) — Perdoa-lhe.

PETRÓNIO (*a Teirésias*) — Leva Eunice, e dá-lhe quinze chibatadas. (*Baixo.*) Com jeito para lhe não estragares a pele. (*A Marcos.*) O que lê?

MARCOS — O teu livro: o *Satiricon*. Já não fazes versos?

PETRÓNIO — Não. Desde que Nero é poeta e os faz... É perigoso.

MARCOS — Se amasses!

PETRÓNIO — Hoje? Ser-me-ia preciso encontrar... uma Lígia.

PETRÓNIO — Uma deusa! Alcançar-ma-ás, Petrónio?

PETRÓNIO — Será tua. Quanto se pode responder por César, respondo.

MARCOS — Tu és filho de minha irmã e por isto me foste sempre muito caro; mas, agora, colocarei, nos meus lares, uma estátua tua, (*indicando a estátua de Petrónio*) tão bela como esta e oferecer-lhe-ei sacrifícios. (*Vendo-a.*) Tu és verdadeiramente belo, Petrónio! Se Páris era assim, Helena teve razão na escolha.

PETRÓNIO — Chamam-me o Rei da Elegância, Marcos. (*Eunice entra de semblante alegre.*) Recebeste as chibatadas?

EUNICE — Sim, meu senhor, quinze, só!

PETRÓNIO — Só! (*A Marcos.*) Não compreendes?

MARCOS — Não.

PETRÓNIO — Compreendo eu. (*A Eunice.*) Tu tens um amante, aqui?

EUNICE (*ajoelhando-se-lhe aos pés*) — Sim, senhor! (*Inclina a cabeça.*)

PETRÓNIO — Quem é? (*Eunice inclina mais a cabeça, silenciosa.*) Quem é? (*Repara na mulher.*) Hei-de sabê-lo. (*A Marcos.*) Vamos almoçar. (*Põe-lhe a mão sobre o ombro, olha com interesse Eunice.*) Vamos.

(*Saem.*)

*Eunice deixa-os sair. Levanta-se. Toma por disfarce o frasco da verbena e, fingindo sair, espreita. Não vendo ninguém, volta, toma a cadeira onde se sentou Petrónio; coloca-a ao pé da estátua; sobe, abraça o mármore e, ao mesmo tempo em que os cabelos loiros lhe cabem pelas costas, cola os lábios aos lábios da estátua.)*

O PANO DESCE

## QUADRO II

*Triclínio. Casa de jantar no palácio de Nero. No 1.º plano três mesas, em ferradura, com os competentes leitos e cadeiras. À esquerda uma balaustrada que se supõe dar para uma escada inferior de entrada. As mesas estão prontas: os tocheiros acesos. Grande movimento de escravos, até à chegada dos convivas. Entram Lígia e Acteia.*

LÍGIA — Dize-me, minha boa Acteia, é bem certo que Nero, César, matou a mulher, a mãe, o irmão?

ACTEIA — É certo... e quantos outros!

LÍGIA — E dizias-me que o amavas?

ACTEIA — Conheci-o, moço, belo e generoso! É sempre essa imagem, esse Nero que eu vejo. O outro, o que fizeram os mestres, os áulicos, os amigos, os senadores, o próprio povo, esse não o conheço. Esse pertenceu sempre a outra mulher, cujo domínio se firmou no sangue: esse é de Popeia, a divina!

LÍGIA — Como eu tremo de estar aqui! Daria tudo por me ver de novo em casa de Pompónia: ou na campina de Roma, só, abandonada que fosse. Se eu pudesse... se tu pudesses, generosa Acteia, proporcionar-me a fuga!

ACTEIA — Eu to repito, Lígia: era a tua morte e a dos teus. A vontade de César é absoluta! Aproveu a César chamar-te, és uma coisa sua, na vida e na morte!

LÍGIA — Uma coisa...!?

ACTEIA — Tenho lido, também, as cartas de Paulo de Tarso, e elas dizem que, lá em cima, há um Deus cujo filho morreu por nós! Mas sobre a Terra não há senão um Deus: é César! A tua doutrina proíbe-te de seres o que eu sou... uma concubina!... e manda-te preferir a morte à desonra — como os estóicos de que me falou tanta vez Epicteto...

LÍGIA — Sempre!

ACTEIA — Quando uma possa evitar a outra. Ignoras os recursos dum César. A filha de Sejano, uma criança de doze anos, foi condenada à morte. A lei proíbe que as virgens possam sofrer tal pena. O que imaginas que resolveu Tibério?

## ÍNDICE

PETRÓNIO .....	7
SINHÁ .....	77
O TIO PEDRO .....	127
UMA ANEDOTA .....	143
A NOITE DO CALVÁRIO .....	153
D. JOÃO III OU O REI MALDITO .....	223
ALMAS DOENTES .....	295

Acabou de imprimir-se  
em Junho de dois mil e oito.

---

Edição n.º 1015574

---

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[comercial@incm.pt](mailto:comercial@incm.pt)  
E-mail Brasil: [livraria.camoes@incm.com.br](mailto:livraria.camoes@incm.com.br)